

Aspectos da ontologia ribeirinha na ilha Saracá, município de Limoeiro do Ajuru (PA)

Aspects of riverside ontology on Saracá Island, municipality of Limoeiro do Ajuru (PA)

Genisson Paes Chaves*

<https://orcid.org/0000-0001-5091-9523>

Sônia Barbosa Magalhães**

<https://orcid.org/0009-0007-9933-1131>

Resumo

Os pescadores ribeirinhos da ilha Saracá, localizada no município de Limoeiro do Ajuru, no estado do Pará, interpretam o mundo em que vivem como também coabitado por seres humanos de diferentes corporeidades. Estes seres se revelam quando querem e na forma que desejam. Neste artigo buscamos compreender as relações estabelecidas entre estes dois conjuntos de seres que habitam a mesma ilha, utilizam os mesmos rios, pisam no mesmo chão, nas mesmas folhas, enxergam as mesmas árvores e que vivem “vidas” que se entrelaçam. Nossas análises se baseiam em um vasto material de pesquisa que revela a existência desses seres. Seguindo os pressupostos metodológicos da antropologia, apoiamo-nos na autoetnografia e na etnografia. Fizemos entrevistas estruturadas, observações diretas e participantes e registros fotográficos. Os dados sugerem que a ilha Saracá é a morada das visagens, das mizuras, das aparições e de outros seres. Alguns são maus, bons, outros não se sabe ao certo qual é sua índole, pois apenas aparecem sem dizer nada e assim como aparecem, desaparecem. Estas narrativas são importantes, na medida em que agenciam a vida das pessoas, moldando suas decisões, afetando o seu cotidiano.

Palavras-chave: Sistemas ontológicos; comunidades ribeirinhas; Amazônia.

*Doutor em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal do Pará. E-mail: paes.paesg@gmail.com

**Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Pará e em Sociologia pela Université Sorbonne Paris Nord, em co-tutela. Professora Associada na Universidade Federal do Pará, vinculada ao Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, ao Programa de Pós- Graduação em Agriculturas Amazônicas e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. E-mail: smag@ufpa.br

Abstract

The riverside fishermen of Saracá Island, located in the municipality of Limoeiro do Ajuru, in the state of Pará, interpret the world in which they live as also being inhabited by human beings of different corporealities. These beings reveal themselves when they want and in the way they desire. In this article we seek to understand the relationships established between these two groups of beings who inhabit the same island, use the same rivers, step on the same ground, on the same leaves, see the same trees and who live “lives” that are intertwined. Our analyses are based on a vast amount of research material that reveals the existence of these beings. Following the methodological assumptions of anthropology, we are based on autoethnography and ethnography. We conducted structured interviews, direct and participant observations, and photographic records. The data suggest that Saracá Island is the home of supernatural apparitions, *mizuras*, appearances and other beings. Some are evil, some are good, and others’ nature is unknown, as they simply appear without saying anything, and disappear just as they appeared. These narratives are important because their characters influence people’s lives, shaping their decisions and affecting their daily routines

Keywords: Ontological Systems; Riverside Communities; Amazon.

Introdução

Os pescadores ribeirinhos da ilha Saracá, situada no município de Limoeiro do Ajuru (PA), acreditam que o mundo em que vivem é também habitado por seres não-humanos. Narrativas que ilustram o “encontro” com o boto, a cobra grande, a matintaperera, o/a curupira e tantos outros seres que povoam sistemas ontológicos variados são bastante difundidos entre comunidades tradicionais/ribeirinhas da Amazônia.

Relatos identificados e analisados em diferentes comunidades tradicionais, evidenciam situações em que uma ou mais pessoas ficou/ficaram cara a cara com o boto, o/a curupira, a cobra grande, a mãe do mato... Um dos autores, por exemplo, já esteve “cara a cara” com uma *mizura* e com um vulto que não soube descrever exatamente, mas sentiu o corpo se arrepiar e ser tomado pelo medo diante do que os sentidos não conseguiram imediatamente nomear. Do mesmo modo, em Saracá, muitas pessoas já viram ou acreditam em relatos de quem já escutou paus e galhos se partirem, “sozinhos”, sem conseguir ver o que ou quem causava o terrível estrondo; já ouviram a “algazarra” dos botos que vinham se divertir, sentados no banco que havia na beira do rio.

Narrativas sobre não humanos, a rigor, são difundidas em grande parte do Brasil e foram classificadas no âmbito do folclore¹; registradas em audiovisual; e mais recentemente, com a série *Cidade Invisível*², produzida pela plataforma de *Streaming Netflix*, alguns desses personagens, bem como novos, ganharam o mundo. Essas narrativas são importantes, na medida em que revelam seres que agenciam a vida das pessoas, pois interferem em suas decisões e nas atividades do cotidiano. Revelam maneiras de interpretar o mundo não tão dicotômicas como as ocidentalizadas. São dotadas de significados simbólicos e morais, sugerindo experiências ainda por explorar, bem como notabilizam o acervo imaterial de diversas comunidades tradicionais da Amazônia.

Embora envoltas por particularidades de cada cultura, narrativas sobre não-humanos, visíveis ou invisíveis, são universais, na medida em que são encontradas em muitas sociedades humanas e têm sido objeto de reflexão de muitos antropólogos. Desde os estudos clássicos de Lévi-Strauss sobre mitos³ até a relativamente recente classificação de tipos de ontologias, elaborada por Phillippe Descola (2015)⁴. Com o intuito de compreender essas diversas experiências, identificadas e analisadas nas mais diferentes sociedades humanas, este autor propôs um quadro geral e complexo de quatro tipos de ontologias, a saber: animismo, totemismo, naturalismo e analogismo. Essas ontologias são modelos explicativos que tentam, a sua maneira, compreender as diversas especificidades, contidas nos múltiplos olhares existentes nos mais diferentes contextos sociais.

Em trabalhos etnográficos realizados na Amazônia, alguns autores (também clássicos) tentam se aproximar do universo do qual esses seres fazem parte⁵. Mas que seres são esses? Por que se repetem em tantos lugares? Que significados carregam consigo? O que podem ensinar? Se é que isso seja possível! E por que se revelam a nós, seres humanos, em determinados momentos e para pessoas específicas? E o que querem de nós? Afinal, eles se apresentam com o intuito de atingir algum objetivo?

¹ CASCUDO, Luís Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.

² Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GodwQKNXIYk>>. Acesso em: 27/09/2024.

³ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*, Lisboa, Edições 70, 1979. Ver também a obra “Mitológicas”, publicada em 4 volumes, que evidencia como a narrativa dos mitos se inscreve no contexto das relações entre natureza e cultura, da alteridade e das relações sociais.

⁴ DESCOLA, Phillippe. Além de natureza e cultura. *Tessituras*, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 7-33, jan./jun. 2015.

⁵ Ver os trabalhos de: GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955; MAUÉS, Raymundo Heraldo. *A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Belém: UFPA, 1990; WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

Em estudos mais recentes, antropólogos e antropólogas, historiadores⁶ têm chamado a atenção para um gosto das comunidades tradicionais amazônicas de ouvir, contar e criar histórias sobre um outro mundo, constituído por seres que ultrapassam nossa racionalidade⁷, cuja existência transita entre o visível, o imperceptível, a sombra e o sonoro. Histórias que expressam uma visão de mundo, constroem e reforçam uma memória local, esta, sim, ancorada no território e nas relações sociais dos humanos entre si, entre humanos e não-humanos; e destes com o ambiente. De uma outra perspectiva, ressaltam-se também os clássicos estudos sobre comunidades amazônicas, que enfatizaram a chamada “religião do caboco amazônico”⁸, e de autores que, mais recentemente, construíram significativas reflexões antropológicas acerca do aspecto religioso de povos não indígenas, especialmente pescadores do nordeste paraense, que podem ser considerados caminhos para se aproximar de aspectos ontológicos de diferentes sociedades na Amazônia.

Neste texto, objetivamos registrar narrativas obtidas na ilha Saracá, que versam sobre: a) características de espécies de peixes; b) a manifestação de seres não-humanos, aqui compreendendo também os mortos; c) visagens; d) diabo/demônio; e) animais humanizados; f) e como esses seres estão e se fazem presentes no cotidiano dos ribeirinhos da ilha Saracá, município de Limoeiro do Ajuru, estado do Pará.

Percurso metodológico

Neste trabalho fizemos uso da autoetnografia e da etnografia. Inicialmente baseamo-nos no que um dos autores viu, aprendeu e viveu na ilha Saracá. Muitos dos fatos aqui descritos a ele foram compartilhados por seus avós, por sua mãe e outros parentes. O trabalho combina, assim, duas maneiras de apreender a realidade que, embora sejam faces da mesma moeda, na medida em que a autoetnografia deriva dos estudos etnográficos, guardam particularidades que metodologicamente as diferenciam.

⁶ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia, 1870-1950*. Belém: Edufpa, 2009; VAZ FILHO, Florêncio Almeida; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. *Isso tudo é encantado*. Santarém: UFPOPA, 2013; MEDAETS, Chantal. Bora da história?: un jeu de narrations entre enfants dans le bas Tapajós (Amazonie brésilienne). *Strenae*, v. 15, p. [online], 2019.

⁷ HOUDART, Sophie e THIERY, Olivier. *Humains, non-humains: Comment repeupler les sciences sociales*. Paris: La découverte, 2011.

⁸ Nos referimos a: GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955; MAUÉS, Raymundo Heraldo. *A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Belém: UFPA, 1990;

Dessa forma, “o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (...) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação”⁹. Aliada à autoetnografia¹⁰, utilizamos a etnografia, pois é seguindo os ensinamentos de autores clássicos¹¹ de autores mais recentes¹², conseguiremos alcançar a leitura de mundo que os ribeirinhos da ilha Saracá têm sobre sua ilha e o universo ontológico que lhes pertence. Foram realizadas entrevistas, auxiliadas pelo uso do gravador do celular. As entrevistas não seguiram perguntas fechadas, mas um roteiro previamente elaborado que foi se moldando conforme o percurso das conversas.

No passado, os antropólogos se dirigiam a ilhas distantes e “exóticas”, passando, anos na busca de compreender as especificidades dos grupos estudados. É o caso de Malinowski¹³ entre os trobriandeses e de tantos outros antropólogos que dedicaram suas vidas no intuito de compreender os “outros” e, por conseguinte, suas respectivas sociedades. Por mais que a ilha Saracá não seja isolada, exótica ou distante do chamado continente, não deixa de possuir contrastes com a região circunvizinha, já que é considerada por muitos, moradores ou não, como uma ilha bonita e farta.

⁹ SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural*, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24.1, 2017, p. 214-241.

¹⁰ Nos últimos anos a autoetnografia tem sido utilizada por diversos pesquisadores nas mais diferentes regiões do globo. Essas pesquisas geralmente partem das experiências dos próprios pesquisadores que tomam como lócus de investigação o contexto no qual estão inseridos, isto é, a própria sociedade, grupo, família etc. É o caso, por exemplo, de Gonçalves (2018), que estudou o território e as relações de parentesco presentes na vila Braba, localizada no município de Cametá (PA); de Borges (2013), que realizou uma autoetnografia sobre os fluxos de comercialização, circulação de açaí em um bairro da periferia de Belém (Pará); e de Maria Pereira (2024), que estudou os impactos provocados por grandes projetos no modo de viver dos ribeirinhos das ilhas de Abaetetuba, estado do Pará.

¹¹ Ver: MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976. E GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Zahar. Rio de Janeiro, 1973, p. 13-41.

¹² PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. E OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. UNESP: Paralelo 15. Brasília; São Paulo, 1998, p. 17-35.

¹³ MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

Local de estudo

A ilha Saracá situa-se nos limites territoriais do município de Limoeiro do Ajuru¹⁴, estado do Pará, a aproximadamente 200 km de Belém, capital do Estado. Compõe a bacia hidrográfica do rio Tocantins, localizando-se na denominada microrregião de Cametá, no Baixo Tocantins¹⁵. De Belém são oito horas de distância de barco a motor; de lancha são cerca de cinco horas para se chegar à ilha. Do município de Limoeiro do Ajuru fica à meia hora de distância de barco, e de Cametá, cerca de uma hora de lancha. Estes dois são os municípios mais próximos da ilha.

O acesso à ilha Saracá só é possível por meio de embarcações. Algumas lanchas, diariamente, realizam o trajeto Cametá-Limoeiro do Ajuru-Cametá. As lanchas saem de Limoeiro do Ajuru nas primeiras horas da manhã e pegam as pessoas no caminho, isto é, no meio do rio, onde elas aguardam em suas embarcações ou de pessoas conhecidas. As moradias da ilha Saracá, assim como das ilhas circunvizinhas, acompanham as curvas do rio Tocantins e seus afluentes, próximas dos cursos d'água. Os ribeirinhos ali estabelecidos mantêm forte dependência e conexão com o rio.

Localmente, a ilha Saracá é comumente dividida em três áreas principais, conhecidas por: Saracá de Cima, Saracá de Baixo e Saracá da Costa. Conforme o mapa abaixo (figura 01), podemos ver as três principais divisões. Na identificação em amarelo é possível ver onde se encontra a comunidade do Saracá da Costa; na forma em vermelho, o Saracá de Baixo; e na forma rosa, o Saracá de Cima.

¹⁴ Parte significativa do território do município de Limoeiro do Ajuru é composta por diversas áreas insulares, as chamadas regiões das ilhas ou simplesmente ilhas. Conforme Sena (2007), além de Saracá, outras ilhas se destacam: Amorosa, Araraim, Arara, Belizário, Comprida, Conceição, Defunto, Grande, Navio, Pacu, Paquetá e Paulista. Essas ilhas variam de tamanho. Algumas são bastante extensas em termos territoriais, outras são menores. Algumas são densamente povoadas, outras possuem um contingente populacional de menor número. Muitas se situam às proximidades de Limoeiro do Ajuru, outras estão mais distantes. Há ilhas que dispõem de maiores infraestruturas, se comparadas a outras. Algumas são bastante procuradas por turistas, outras nem tanto. Há ilhas onde o rio é mais “estreito”, em outras o rio é mais “largo”.

¹⁵ HOLANDA, Bianca da Silva; SIMÕES, Aquiles Vasconcelos. *Estudo do Acordo de Pesca da ilha Saracá/ Limoeiro do Ajuru*. 23f. Monografia. Especialização em Extensão Rural, Sistemas Agroalimentares e Ações de Desenvolvimento – Universidade Federal do Pará. Belém, 2017.



Ilha Saracá. Fonte: SANTOS-FILHO/HOLANDA, 2019¹⁶.

A região geográfica denominada de Saracá da Costa compreende os rios Três Barracas, Igarapé Grande, Caverna e Amândio; o Saracá de Baixo constitui-se pelos rios Paxiba, Cobra e Mata Fome; e o Saracá de Cima pelo rio Gregório. Os mais populosos são os rios Paxiba e Gregório. Há cerca de duzentas e cinquenta e cinco famílias, no conjunto da ilha¹⁷.

A comunidade tradicional ribeirinha da ilha Saracá é constituída por um grupo de pescadores e suas famílias. Em geral, são sujeitos nascidos na própria ilha, outros nascidos em ilhas próximas e em municípios locais, que

¹⁶ HOLANDA, Bianca da Silva. “A água ficou presa lá” – transformações socioambientais a jusante da barragem de Tucuruí. 123f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal do Pará: Belém, 2019.

¹⁷ HOLANDA, Bianca da Silva; SIMÕES, Aquiles Vasconcelos. *Estudo do Acordo de Pesca da ilha Saracá/ Limoeiro do Ajuru*. 23f. Monografia. Especialização em Extensão Rural, Sistemas Agroalimentares e Ações de Desenvolvimento – Universidade Federal do Pará. Belém, 2017.

estabeleceram relações conjugais ou de trabalho, tornando-se moradores. As pessoas, de modo geral, são bastante hospitaleiras. São donas de casas, mães e pais de famílias geralmente extensas, que vivem rotineiramente dentro das matas e nos rios, à procura de alimentos, lazer, dentre outros.

A ilha é influenciada pelos ritmos das marés que habitualmente submergem a terra, chegando a invadir as construções mais baixas, especialmente durante o inverno amazônico, época em que ocorrem as lançantes, ou seja, o período das altas marés, chamadas “águas grandes”. Aliás, essa é uma época perigosa, pois a água grande atrai cobras, baratas do fundo e outros tipos de animais para perto das moradias.

As habitações, em sua maioria, são palafitas que acompanham a beira dos principais igarapés. Muitas são interligadas por passagens de madeira e em menor quantidade, por estipes de açazeiros ou troncos de miritizeiros. A distribuição das residências na ilha Saracá segue a mesma lógica da identificada por Furtado e Nascimento¹⁸, ao estudarem as estratégias de reprodução dos pescadores artesanais da vila de Tamaruteua, no município de Marapanim, litoral do Pará.

“A ilha encantada”: aspectos da ontologia ribeirinha na ilha Saracá

“A floresta é um mundo de gente, olhares, saberes, cores, cheiro e histórias”¹⁹. E como dito, o mundo “invisível” aflora por meio de encontros, cheiros, sons e sonhos. Esses são os “canais” e/ou “espécies de portais” pelos quais o mundo das visagens, dos “bichos visagentos”, como destaca o antropólogo Eduardo Galvão, se revela. Pois “a natureza é material e é também sobrenatural todo o tempo”²⁰. É importante observar que todas as histórias são contadas por alguém que as vivenciou; há um testemunho que deve sempre ser mencionado, construindo uma interligação concreta entre fato e narrador. É esta interligação que lhe credita verdade, por sua vez enriquecida pela descrição dos espaços e tempos nos quais elas ocorrem.

¹⁸ FURTADO, Lourdes Gonçalves; NASCIMENTO, Ivete Herculano. Traços de uma comunidade pesqueira do litoral amazônico; relato sobre organização em comunidade haliêutica. In: FURTADO, Lourdes Gonçalves e QUARESMA, Helena Barbosa (Orgs.). *Gente e ambiente no mundo da pesca artesanal*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002, p. 23-56.

¹⁹ ALMEIDA, Rogério. Amazônia, Pará e o mundo das águas do Baixo Tocantins. *Estudos avançados*, 24 (68), 2010, p. 291.

²⁰ VAZ FILHO, Flôrencio Almeida; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. *Isso tudo é encantado*. Santarém: UFPOPA, 2013, p. 20.

a) Explicações sobre atributos de espécies

Dona Ana, uma das moradoras mais antigas do rio Igarapé Grande, nos contou que antigamente quem vivia no fundo do rio era o tralhoto (*Anableps anableps*) e não a pescada (*Cynoscion leiarchus*). Certo dia, o tralhoto emprestou sua pedra para que a pescada experimentasse como era viver no fundo do rio. Ela então a pegou emprestado, mas nunca a devolveu. Desde então o tralhoto vive na flor d'água e a pescada no fundo. É por isso que a pescada tem um par de pedras na cabeça.

Outra narrativa diz respeito ao peixe chula (*Syacium papillosum*), em outros contextos conhecido como linguado. Conforme dona Ana, a chula era um peixe que remedava a sua madrinha, isto é, a imitava. Como castigo, ficou com a boca torta. Dona Ana também nos disse que quando a chula é assada, não se pode rir dela, pois sua carne fica aguada, ou seja, molhe, fator que acaba comprometendo a qualidade de seu sabor.

As duas explicações acima também foram identificadas entre os ribeirinhos que vivem em ilhas localizadas no município de Abaetetuba, estado do Pará²¹, no Baixo Tocantins. São, portanto, maneiras de interpretar o comportamento de três espécies bastante comuns na ilha Saracá. Vê-se que a pescada, o tralhoto e a chula entram no sistema de interpretação da ilha Saracá como peixes que tiveram a sua natureza alterada. A chula, por exemplo, era um peixe “normal”, pois não tinha a boca torta, mas o seu comportamento inadequado fez com que sua fisionomia se alterasse, sofrendo uma espécie de castigo que perdura. O tralhoto confiou muito na pescada e devido a isso, perdeu algo precioso, a pedra que o fazia afundar.

b) Os não-humanos

Os ribeirinhos da ilha Saracá também acreditam que a ilha em que vivem não é unicamente habitada por eles, mas por outros seres que compartilham o mesmo rio, os mesmos igarapés, as mesmas árvores. Estes seres encontram-se entre as folhas da mata, perto dos furos e dos igarapés, ao redor das casas. Pisam no mesmo chão, tocam as folhas, cruzam os mesmos caminhos que os ribeirinhos utilizam no dia a dia, quando transitam para realizar suas atividades. Tomam banho de rio, andam de casco, vão às igrejinhas, participam das festas. São seres que aparecem quando querem e para quem querem porque, assim como nós, eles têm vontade própria.

²¹ PEREIRA, Maria das Graças da Silva. *PIRÍ: Um estudo sobre povos tradicionais, ambiente e práticas políticas. Ilhas de Abaetetuba, Amazônia Oriental*. 186f. Tese (Doutorado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimentos Sustentáveis). Universidade Federal do Pará. Belém, 2024.

Não se trata, portanto, de um mundo a parte ou de outro plano, é o mesmo mundo²². Embora os seres não-humanos da ilha Saracá passem a maior parte do tempo “invisíveis”, isto é, escondidos ou usando uma “roupa” que os encobre de nossos olhos, estes seres se deixam revelar em determinadas ocasiões ou “esquecem” de usar a “roupa” que os camufla dos olhos do grupo em questão. Quando aparecem, surgem na forma de gente, de bichos ou em alguma forma difícil de identificar, pois muitas vezes não se apresentam diante dos olhos, mas por meio de cheiros, sons, sombras.

Em Saracá estes seres não aparecem para todos os ribeirinhos da ilha, mas, sobretudo para aqueles que burlam determinadas regras sociais, bem como para os que aparentemente não causaram nenhum mal e/ou fizeram o que não deveriam. Alguns destes seres aparecem e simplesmente desaparecem, sem dizer nada ou sugerir algo. Outros olham nos olhos, passam por perto, fazendo com que o corpo do ribeirinho trema de medo e sinta uma espécie de energia que tudo arrepia. É nesse intervalo de reconhecimento de que algo ruim está acontecendo que os ribeirinhos da ilha Saracá têm a chance de escapar do encontro e voltar para a segurança de suas casas.

Os seres não-humanos podem ser divididos em cinco categorias: 1) animais humanizados; 2) mortos; 3) visagens ou mizuras; 4) diabo/demônio; e 5) os caboclos.

Os mortos aparecem na forma de pessoas conhecidas ou desconhecidas; as visagens surgem na forma de gente, podem ser mizuras, isto é, aparecer sem um corpo “visível”, mas sentido por meio de outros sentidos. Podem surgir na forma de aparição, isto é, aparecer rapidamente e logo sumir. Já o vulto é uma visagem que passa voando, consegue-se vê-la de relance, pois ela aparece como uma rajada de vento. É mais rápida que a aparição. Há também o próprio diabo/demônio que se manifesta na forma humana. Pode ser ele mesmo ou algum demônio sob seu comando. Por último, há animais com propriedades humanas.

Abaixo seguem narrativas sobre os seres identificados:

1) Animais Humanizados

A Pata do Igarapé

²² Conforme Pereira (2024, p. 121.): “Os não humanos de Santo Afonso não têm um esconderijo, ou outro mundo, ou terra, acima ou abaixo desta em que vivemos, eles de fato dividem o mesmo mundo conosco. Por isso, digo tratar-se de um mundo único co-habitado. Eles estão entre os ribeirinhos, seja no Pirí, nos matos, nos rios ou igarapés, de modo que sua manifestação pode ou não ocorrer”.

A Pata do Igarapé da Pata é um dos relatos mais conhecidos. Conforme dona Ana e o senhor Milico, a pata é uma visagem que se manifesta na forma de uma patinha branca. O animal era pequeno e geralmente o viam sair de um pequeno igarapé, hoje chamado de Igarapé da Pata, localizado no Igarapé Grande. Ela saía de dentro do igarapé e ia na direção da boca do rio, onde o Tocantins é mais largo. Ali a pata nadava e ficava boiando, como se saísse para tomar banho e brincar com as águas do rio. O animal era visto pelas mulheres, senhoras, donas de casa e por homens, pescadores e extrativistas. A morte de um jovem pescador é atribuída a esta pata, pois ele mexeu com ela, isto é, jogou água e sementes em suas penas.

Os botos

Na relação ser humano-boto, faz-se interessante frisar o fato de que enquanto “animal”, o boto não ultrapassa a sua natureza, ou seja, não deixa de ser animal, pois não se transforma em ser humano. Por isso seu perigo é relativo, já que o único mal que, nestas condições, poderá fazer é furar a rede de pesca ou destruir as armadilhas de captura de pescado. Nessa relação, o boto é ora animal, ora gente. Ao assumir essa forma, ou seja, a forma humana, o boto é considerado um ser perigoso, pois pode fazer o mal. Por outro lado, o boto, enquanto animal, pode ajudar o pescador a ter uma boa pescaria, bem como acompanhá-lo durante suas andanças pelo rio. Nesse sentido, é um amigo, um agente protetor, um parceiro de pescaria e de viagens. Mas quando o boto se metamorfoseia em ser humano aí entra o perigo, pois o ser humano-boto é capaz de enganar as pessoas e levá-las para dentro do rio, o que, por sua vez, pode resultar na própria morte. Mas o que faz um boto se transformar em gente? Um dos motivos é simplesmente fazer o mal²³.

O boto é um animal que faz parte da geografia do Baixo-Tocantins. Por isso não é difícil ver um animal da espécie fazer seu famoso fuá, fuá, isto é, emergir e logo submergir mais à frente. Nos portos de Cametá é possível

²³ Há uma ampla literatura sobre as relações entre humanos e botos na Amazônia. De acordo com Maués (2006, p. 15-16, 19-20): “São muito conhecidas as lendas sobre o boto na Amazônia. A principal delas costuma enfatizar a sua capacidade de sedução sobre as mulheres, quando se transforma num “belo rapaz”, que aparece nas festas do interior. (...) o tema é muitas vezes abordado, nas cidades, em tom de troça ou de malícia, enfatizando-se a pretensa “ingenuidade” ou “ignorância” do homem do interior. (...) Há muitos relatos a respeito de pescadores que, casualmente, apanham fêmeas de boto em suas redes e, em algumas situações, copulam com elas. Esses relatos enfatizam o enorme prazer experimentado pelo homem, a ponto de ser necessário às vezes afastá-lo à força daquele ato, caso contrário ele corre o risco de morrer de prazer e exaustão. (...) Os relatos que se referem, porém, à sedução de mulheres por botos, dizem sempre respeito aos encantados, que são pensados como seres humanos vivos, iguais a todos os outros, mas com a diferença de que possuem poderes sobrenaturais, pela sua condição “liminar” de encantados (...)”.

ver botos passando por debaixo das pontes, próximo às embarcações atrás de alimentos. Algumas pessoas chegam bem perto destes animais e muitos permitem o toque. O boto também contribui para o turismo local, o chamado turismo ecológico, pois todos querem uma foto com o animal. Localizado no Mercado Municipal de Mocajuba, no nordeste paraense, a aproximadamente 230 km de Belém, o Mirante do Boto é um espaço que oferece o boto como a principal atracção turística.

O cachorro branco

Em outra ocasião, uma visagem se manifestou na forma de um cachorro branco que andava pela beira da ilha. Dona Ana disse que o seu marido estava pescando, perto de uma das beiradas da ilha. De repente avistou um cachorro branco que andava calmamente. Na situação, o cachorro não fez mal algum, apenas apareceu andando e logo desapareceu diante de seus olhos. Dona Ana não sabe o motivo de o cachorro aparecer, tampouco soube dizer o que por ali o animal fazia.

2) Os mortos

A mulher da festa

Um pescador, conhecido por Nhuca, foi para uma festa que acontecia, todos os anos, na vila de Curuçambaba, localizada no município de Cametá. Era festa de Nossa Senhora do Pilar e estava acontecendo um arraial. Na ocasião, o pescador conheceu uma bela mulher, com ela conversou bastante e já de madrugada, a desconhecida mulher disse que iria embora. Ele disse que poderia acompanhá-la. Ela disse que não precisava, mas após muita insistência, acabou cedendo.

Os dois então foram embora e quase perto de entrar no cemitério, o pescador percebeu onde estava e estranhou muito a situação. Perguntou onde ela morava e ela disse que mais adiante. O pescador disse que não poderia prosseguir por aquele caminho e que necessitava regressar para a festa. Ela então disse que foi o que o salvou, pois se ele entrasse junto com ela para dentro do cemitério, nunca mais retornaria. A mulher era, portanto, uma pessoa já morta, que se misturou com os vivos, para aproveitar a festa.

Em outras situações, pessoas indicam algum tipo de contato mantido com pessoas já falecidas. Dona Ana alega nunca ter visto uma visagem, apesar de já ter andado pelo mato. Certa vez ela disse que no dia em que o irmão faleceu, o escutou dizer “já estou indo, minha irmã”. Ela saía do banheiro que fica localizado cerca de três metros de distância da casa. Ao escutar essa frase, começou a chorar. Logo veio a confirmação de sua morte.

Dona Eunice, por sua vez, alega ter visto o filho aparecer e pedir para que ela parasse de chorar. Em sua descrição, ele apareceu quando ela estava deitada na rede, chorando por sua partida. Ali ele apareceu, somente para ela. Ele estava molhado, com uma roupa que ela lhe deu. Ele apareceu e pediu para que ela parasse de chorar, pois suas lágrimas o impediam de ir para onde ele tinha que ir. Dona Eunice disse que após esse encontro, tentou parar de chorar e aceitar o fato de que o filho já não pertencia a este mundo. Por isso tinha que ficar contente, já que ele estava bem onde quer que estivesse.

Renata, neta de Dona Eunice, também chegou a ver a mesma pessoa, no caso, seu tio, filho de dona Eunice. Renata estava em uma embarcação que no momento passava pelo furo. Foi quando então viu seu tio dentro da mata. Ele não falou com ela, tampouco demonstrou alguma reação. Apenas a observou por algum momento até a embarcação desaparecer.

Nos dois casos acima, tanto o irmão de Dona Ana, como o filho de dona Eunice, não são associados à visagem, já que esta é relacionada ao diabo, um ser portador do mal, o que pode ser entendido como demonstração da força do cristianismo nas sociedades ribeirinhas, como é o caso da sociedade aqui analisada.

3) Visagens ou Mizuras

A mizura do barracão

No barracão da comunidade de Santa Maria, localizado no rio Igarapé Grande, ao lado do Igarapé da Pata, uma mizura se manifestou por meio do som de um galopar de cavalo. De início o som era fraco, como se o “animal” estivesse longe, mas logo foi se aproximando cada vez mais. Esse caso foi presenciado por Genisson (um dos autores) e por Laura (sua tia). Era por volta das 18 horas, quando os dois foram ver novela, na casa de um parente. Ao passarem em frente ao barracão da comunidade, escutaram um galopar, mas não viram nada, apenas o som de algo se aproximando cada vez mais, o que fez com que os dois se arrepiassem e corressem.

Choro de criança

Conforme Dona Ana, antigamente as mulheres que trabalhavam em uma casa grande, talvez de um dos primeiros moradores da ilha, abortavam e enterravam seus fetos à beira do rio. Era por isso que de vez em quando, especialmente perto do meio dia e aos finais da tarde, as pessoas escutavam o choro de crianças. Por mais que se olhasse não se via nada, somente aquele choro estranho e carregado de tristeza.

O remo emprestado

Dona Ana conta que uma visagem veio pedir emprestado o casco e o remo de uma antiga moradora da ilha Saracá, para poder acender vela durante os finados, na vila de Joana Coeli. Nessa vila havia um pequeno cemitério no qual os moradores da ilha Saracá, bem como de outras, enterravam seus mortos. Em certa ocasião, dona Carlota, uma das moradoras da ilha, que estava sozinha com os filhos pequenos, pois o marido tinha ido acender velas, disse que escutou uma voz pedir o casco e o remo emprestados. Ela não disse nada, pois estava com medo. Depois de algumas horas, já perto de o dia amanhecer, a senhora escutou a mesma voz: “*vim devolver o que tinha emprestado*”. Como o dia estava perto do alvorecer, dona Carlota, num momento de coragem, resolveu ver quem era. Ao chegar lá, não viu ninguém, apenas o remo, ainda molhado, encostado à parede e o barulho de uma voz adentrando a mata, logo desaparecendo por completo. Esse tipo de visagem é também identificado como mizura, já que a visagem não aparece em sua forma física, na medida em que não é possível vê-la, somente escutá-la.

Essa narrativa é reiterada por Alandra, que também cita o caso de uma mulher que passava na casa das pessoas, quando todos já estavam descansando, para emprestar um casco para ir não se sabe para onde. Alandra afirma que nunca chegou a ver essa mulher, tampouco ouvi-la, mas as outras pessoas citam essa narrativa e acreditam na sua existência.

O tapa na Cabeça

Há visagens que só fazem aquele “azar”, isto é, barulhos para talvez espantar quem estiver por perto. Um desses casos ocorreu com Geovane, irmão de um dos autores e com o ex-marido de sua tia. Os dois estavam pescando na boca do rio quando, de repente, escutaram o barulho de pau quebrando dentro da mata. Olharam para o interior das árvores, mas não havia nada visível que justificasse aquele barulho. Geovane relatou que seu companheiro de pescaria sentiu, no momento do barulho de pau se quebrando, um vento passar por perto de sua cabeça, como se alguém tivesse lhe dado um tapa.

Outras visagens agarram as pessoas, como se transformassem em mãos invisíveis, na tentativa de brincar ou de fazer algo mais grave. Dona Eunice relata que o marido de sua neta foi atacado por um vulto. O rapaz estava pescando em um pequeno igarapé quando sentiu algo agarrá-lo pelo pescoço. Mesmo tentando ver alguma coisa, o rapaz não conseguia, somente sentia a presença de algo, agarrando seu pescoço e tentando enforcá-lo.

O homem desconhecido

Em outras situações, a visagem pode se manifestar na forma humana, particularmente de um homem alto e negro, como o que ocorreu com Santinha e Joaninhas, antigas moradoras de Saracá. Elas ainda eram bastante jovens e na ocasião do encontro, estavam cortando braços de miriti para tecer paneiros. Joaninha alega ter visto um homem alto e forte, de coloração negra, os lábios eram bastante acentuados. Ele estava encostado a uma árvore e a olhava de maneira fixa. O desconhecido não se mexia, apenas a encarava de um jeito estranho. A irmã, que no momento cortava miriti, não viu nada de anormal, tampouco percebeu o que estava acontecendo. Sua irmã então pediu para que as duas fossem embora e assim acabaram retornando à casa. Ali a irmã lhe contou o que havia acontecido. Como ela não demonstrou nenhuma reação, tampouco mexeu com aquele homem, ela não sentiu nenhum mal-estar, somente o medo diante do desconhecido. Essa é talvez, mais uma prova de que as visagens só causam maiores problemas quando as pessoas, de alguma forma, com elas interagem.

O Pretinho

O senhor Milico viu um menino pretinho. Na ocasião, ele estava no mato apanhando açaí. Em um dado momento, avistou um menino atrás da árvore. Era um menininho, um molequinho pretinho que o chamava constantemente. Ele metia a cara por trás de uma seringueira e ficava mexendo com este senhor. O menino ficou fazendo isso durante um bom tempo, mas o senhor Milico fingia não ver nada. E então resolveu ir embora sem “dar bola” para aquele menino²⁴.

O Homem do casco

Outra narrativa destaca o aparecimento de um homem que passou de casco para dentro da mata, mas que não voltou. Os relatos indicam a existência de um homem, com características parecidas com as de um dos moradores da ilha, um senhor alto e já falecido. Esse homem, de chapéu na cabeça, passava em frente à casa de dona Eunice, já tarde da noite, para dentro do furo e não mais retornava. Aquilo era estranho, pois não foi uma única vez que isso aconteceu e ele não retornava. Ia para onde? Não se sabe exatamente. O

²⁴ Esse relato lembra da narrativa sobre o Curupira, identificada na região do Baixo Tapajós. Nesse contexto, o Curupira é chamado de *Pretinho*. Conforme Vaz Filho (2013, p. 26): “Os moradores da região do baixo Tapajós acreditam que o Curupira se parece com um menino de pele escura, daí a denominação de *pretinho*, que em alguns lugares chega ser mais usada do que o termo Curupira”.

homem, assim como outras visagens, não causava nenhum mal, ou seja, nunca foi identificado algum mal associado à sua presença.

Mas afinal o que é uma visagem?²⁵ No relato fica bastante evidente que as visagens são manifestações do diabo ou de seres maléficos por ele enviadas. Elas, de modo geral, tentam fazer o mal. Querem que as pessoas caiam em tentação, isto é, façam o que não devem, ou seja, o que a moral da sociedade em questão condena. Por outro lado, querem que elas “caiam na dela”, isto é, mexam com o que não devem e aceitem as provocações. Essa tomada de atitude também guarda similitudes com a nossa sociedade. Quando aceitamos as provocações de outras pessoas, corremos o risco de provocar ações de grave consequências, seja para nós ou para as demais pessoas²⁶.

A visão destacada por dona Eunice é divergente da de Câmpera, pois na ilha Saracá, a visagem está intimamente associada ao mal, isto é, ao diabo. Por isso os ribeirinhos da ilha Saracá a temem, já que ela pode fazer com que a pessoa enlouqueça, fique doente e até faleça. O poder da visagem é a assombração, isto é, uma espécie de poder que faz com que a pessoa que a vê passe mal e/ou venha a adoecer e até a falecer.

4) Diabo, Demônio

Os dois relatos seguintes tratam de sequestro sobrenatural. Narram a história de duas crianças que quase foram levadas por algum ser maligno. Um dos casos aconteceu com uma das filhas de dona Ana, o outro ocorreu com a filha mais velha de seu filho mais velho. Leiliana, filha de dona Ana, atualmente moradora da ilha Cacoal, localizada no município de Cametá, quando criança, chamava muito palavrão, localmente chamado de “nomes”, isto é, palavras indevidas, já que são associadas ao diabo, tais como “diabo”, “demônio” e “satanás”.

²⁵ Conforme dona Eunice, 85 anos: “A visagem que existe é o demônio, ele que se encorpora naquela pessoa, na minha feição, na sua pessoa, se encorpora, porque é o fulano mesmo. O diabo se mistura de tudo jeito. Só num tenho parte com ele, ele sabe como é que eu trato cum ele, mando ele cair pro inferno, que Jesus Cristo joga pro inferno mais quente que tiver”.

²⁶ “As visagens têm outra forma de expressão e caracterização. É algo parecido com almas penadas, ou espíritos de pessoas que já morreram e transitam entre os vivos. Não possui relação com caça, nem pesca, nem com o contato com a floresta. O assombro da visagem ocorre geralmente em lugares escuros, casas abandonadas ou cômodos da casa onde já costumavam ficar as pessoas que já morreram. É descrita pelos comunitários como um vulto com forma de gente, mas que não tem nenhum tipo de intervenção na vida das pessoas. A aparição da visagem é relatada principalmente após eventos de morte e velórios, onde as pessoas temem o retorno da pessoa falecida para o meio dos vivos”. Fragmento disponível em: CAMPERA, Luiza Maria Fonseca. *O lago encantado e o caminho da chuva*: noções de corpo, cura e cosmologia no Médio Solimões: Um estudo antropológico em comunidades da RDS Amanã. 126f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2017, p. 109-110):

Ela vivia “cantando” esses nomes, ou seja, evocando-os de maneira regular e isso, na concepção local não é bom, na medida em que a pronúncia faz com que o diabo se aproxime das pessoas. Em uma dada noite, dona Ana escutou o pedido de socorro de sua filha e notou que algo a arrastava para fora do quarto. Dona Ana dormia no quarto, juntamente com as crianças menores e seu marido dormia na sala.

Quando dona Ana percebeu, sua filha já tinha atravessado o quarto e alguma coisa a arrastava sem que fosse possível ver o que era. Dona Ana percebeu que era o “bicho, o tinhoso”, ou seja, o diabo querendo levá-lá para o inferno, já que ela era uma criança que chamava bastante palavrão e isso a colocava em uma situação de perigo.

Nessa situação, dona Ana conseguiu salvar a sua filha do mal que a queria levar. Quando ela viu *“Uma coisa a modo arrastando ela. Eu puxei ela e desconjurei. Disse Creio em deus pai, cruz credo, vai pros confins do inferno. Eu trouxe, ela veio tremendo”*

O outro caso se refere à filha mais velha de seu Humpheres, filho mais velho de dona Ana. Julinha, sua esposa, passava boa parte do dia sozinha em sua casa. E como se ocupava com os afazeres da casa, deixava sua filha dentro do quarto e ia para o terreiro, ou seja, o mato localizado ao redor da casa e às vezes tinha que se deslocar mais distante, a procura de açaí. Em uma dessas ocasiões, ela voltou para sua casa e viu que a filha não mais estava na rede, mas no chão, como se estivesse dormindo. Era como se alguma coisa a tivesse tirado da rede e a levado para o assoalho da casa, já quase para sair do quarto. Julinha achou aquilo estranho e resolveu ir atrás de um curandeiro para ver do que se tratava. Foi lá que percebeu que alguma coisa queria levar sua filha, já que a menina ficava muito tempo sozinha. Ali tinha uma visão, ou seja, um ser maligno que queria levar a criança consigo.

5. Os caboclos

Dona Emília é uma das moradoras do rio Igarapé Grande. Antigamente morava com os dois irmãos, já falecidos. Em diversas ocasiões, Genisson (um dos autores) a via passar no seu pequeno casco em direção às cabeiras, ou seja, um mato distante do centro do rio Igarapé Grande. Ela sempre passava com um chapéu de palha na cabeça e com a boca pintada de batom. *“Eu lembro dela indo pro mato de batom vermelho”*, ressalta Gillyane, que também já a viu. Sempre ia sozinha para o mato e geralmente passava a maior parte do tempo por lá. De lá voltava com o casco cheio de cachos de açaí e de muitas frutas. Ela sempre dizia que eram os caboclos que a ajudavam na apanha do açaí.

Existia, portanto, entre dona Emília e esses seres uma relação de amizade, pois eles a ajudavam a coletar os cachos de açaí, conversavam com ela e desse modo, faziam companhia.

As interações entre os seres humanos e não-humanos

Apoiando-se no pressuposto de que “ontologias estão em toda parte”²⁷, as narrativas aqui apresentadas, sugerem a existência de um mundo constituído por diversos seres. Demonstram que “o relato tem uma enorme carga de vivência e de realidade”. Como pode ser compreendido, muitas das histórias aqui apresentadas, não foram contadas por quem vivenciou o encontro com o sobrenatural. “É um que conta a história vivida pelo outro”²⁸, o que não torna o relato irrelevante ou passivo de descrença. Pelo contrário, reforça seu valor e sua importância no seio social, já que as narrativas, seja na Amazônia ou em outras partes do mundo, assim são contadas desde tempo imemoriais.

Portanto, os relatos identificados e analisados constituem um conjunto de narrativas que tem como base o próprio contexto social, na medida em que partem de experiências concretas e não de devaneios ou falsas verdades, o que significa dizer que os ribeirinhos acreditam na sua existência, isto é, que eles existem e vivem entre nós.

Esses encontros/interações sugerem que o mundo no qual a vida na ilha Saracá se realiza é habitado por seres que partilham da mesma realidade, isto é, do mesmo plano físico, da mesma dimensão. Temos então uma única ilha: esta ilha é habitada por indivíduos de carne e osso, onde as pessoas vivas transitam, assim como os animais locais. Mas esta ilha, ou seja, a mesma ilha é também a moradora de outros seres, onde estão os encantados, as visagens, os demônios, isto é, os não-humanos.

Na vida prática, há momentos em que essas duas “populações” se entrelaçam e se confundem, já que os seres não humanos se revelam e interagem com os humanos nas diversas formas já mencionadas. Além desse único mundo habitado por esses diferentes seres, podemos destacar o céu/inferno, como planos que fazem parte da vida cotidiana, já que a existência desses dois universos é incontestável, ao menos para a maioria dos ribeirinhos de Saracá.

²⁷ ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. Caipora e outros conflitos ontológicos. *Revista de Antropologia da UFSCar*, v.5, n.1, jan.-jun., p.7-28, 2013, p. 13

²⁸ VAZ FILHO, Florêncio Almeida; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. *Isso tudo é encantado*. Santarém: UFPOPA, 2013, p. 16.

Nesse universo também temos as visagens, mas por que será que elas não aparecem para todos os ribeirinhos da ilha Saracá? Assim como nós, as visagens e mizuras têm vontade própria. Elas aparecem quando querem e para quem assim o desejam. Normalmente, surgem para quem está no mato nos horários não permitidos, como às 12 horas ou a partir das 18, bem como nos dias santos, especialmente nos locais mais remotos da ilha.

Aliado a isso, temos o mau-comportamento das pessoas. Ou seja, a invocação do mal por meio de atitudes imorais, como a falta de respeito com os mais velhos, seja física ou verbalmente, bem como por meio de palavrões. Essas atitudes atraem o mal, são como uma espécie de imã. Cada palavrão dito faz com que a maldade se aproxime da pessoa que a evoca. Foi o caso de Leiliana, que quase foi sequestrada por um ser maligno.

Por outro lado, há locais mais propícios ao mal. A casa em que dona Julinha morava era um local visagento. Há locais que outrora foram habitados por outros indivíduos. Alguns desses indivíduos, mesmo depois de mortos, podem continuar no lugar para pagar sua sina. Então, o que hoje vemos como uma capoeira ou uma mata fechada, no passado poderia ser uma cidade, vila ou um local de morada de outros seres humanos e não-humanos.

Os barracões comunitários, isto é, as igrejas, também são locais visagentos, pois lá as almas aparecem para implorar por perdão/ajuda. Elas se dirigem aos espaços sagrados e de adoração para rezar, se lamentar, reclamar das injustiças sofridas, na tentativa de reverter a situação, para que sua alma seja libertada e o sofrimento cessado.

Os sonhos também são espaços sensíveis para o contato com os seres não-humanos. Alguns moradores já sonharam com visagens. Dona Deusinha já sonhou com uma mulher horrenda que pedia para que ela cavasse o pé de duas seringueiras. Ali ela encontraria muito ouro. Só que ela deveria ir sozinha e durante a noite. Deusinha acabou não indo fazer o que a visagem queria e, ademais, contou sobre seu sonho – um segredo, que uma vez contado perde a sua eficácia.

Os seres não-humanos não aceitam o desaforo, a graça, a perturbação, isto é, que os seres humanos passem dos limites. Como a ilha é habitada por diferentes seres, regras devem ser seguidas. Como já dito, os horários precisavam ser respeitados. Nesse sentido, não se pode estar no mato ao meio-dia e após às dezoito horas. Também não se pode gritar no meio do mato, bater nos animais por puro prazer, tampouco matar animais apenas por divertimento.

Isso irrita os seres não-humanos, fazendo com que eles tenham vontade de “mostrar as caras” e acabar com a palhaçada.

Diante dos dados aqui apresentados, podemos inferir que os seres não-humanos escolhem os momentos e as situações para aparecer. Também escolhem as pessoas que querem que as vejam, já que nem todos têm essa “habilidade” ou “sorte”. Aparecem da forma que escolhem aparecer porque assim o desejam. Eles têm suas próprias vontades, anseios, desejos. Assim como nós, eles fazem o que bem entendem. Alguns são maus, outros bons. De alguns não se sabe ao certo qual é sua índole, pois apenas aparecem sem dizer nada e assim como aparecem, desaparecem.

Considerações finais

Parte dos seres aqui evidenciados, são perigosos/traiçoeiros. São, portanto, a manifestação do próprio mal, o qual é comumente associada ao diabo. Com base nisto, acredita-se que o diabo tem o poder de fazer com que estes seres passem do seu mundo para o mundo dos humanos. Quando estão no mundo dos humanos, os seres não-humanos podem assombrar, perseguir e até levar a alma dos seres humanos fracos e de pouca fé.

Como se vê, há um teor fortemente religioso que explica a existência dos não-humanos. Essa ênfase no campo da religião já fora brilhantemente destacada nos estudos de sociedades rurais da Amazônia brasileira e na ilha Saracá esta correlação também se faz presente.

Por outro lado, há seres que quando não provocados, nada fazem aos seres humanos. Outros, apenas aparecem e como aparecem, logo desaparecem, sem, todavia, dizer algo ou sugerir que algo deva ser feito. Muitas vezes, não se sabe o porquê de determinados seres aparecerem. Talvez só queiram ser notados? Esquecem-se de que não estão sozinhos no mundo ou pouco se importam de serem vistos? Quiçá se esquecem, vez ou outra, de sua “capa da invisibilidade”, isto é, sua vestimenta que os camufla de novos olhos²⁹. Mais ainda, os horários das doze horas e das dezoito são momento ambíguos, na medida em que estão atravessando um horário para outro. No caso das dezoito

²⁹ Conforme Descola (2015, p. 13): “(...) a referência compartilhada pela maioria dos seres no mundo é a humanidade, como uma condição geral, não específica do homem como espécie. Em outras palavras, humanos e todo tipo de não-humanos com os quais interagem possuem fisicalidades diferentes, nas quais suas idênticas essências internas estão alojadas, muitas vezes descritas localmente como roupas que podem ser doadas ou descartadas, dando ênfase a sua autonomia em relação às interioridades que as habitam. Não-humanos se veem como humanos, pois é dito que acreditam compartilhar com estes de um mesmo tipo de alma, ainda que distintos dos humanos por seus corpos diferenciados”.

horas, já não é mais dia e a noite não pertence aos humanos, que devem estar nas suas casas descansando e não andando “teté” por aí, ou seja, sem rumo e onde não deve. Alguns destes seres não fazem mal nenhum. Este é o caso, por exemplo, dos caboclos que ajudavam dona Emília, já que eles apanhavam açaí para ela, coletavam frutas, faziam companhia. Ela ficava feliz, pois sorria ao contar essas histórias.

Portanto, observa-se que “na Amazônia, para a grande maioria de sua população, o padrão usual de pensar o mundo é muito menos dicotômico (...) do que aquilo que é predominante pelo menos nas camadas intelectualizadas da sociedade ocidental”³⁰. Nesse sentido, por mais que se possa encaixar determinados seres como bons ou maus, há outros que escapam desses dois polos, pois apenas aparecem no rio ou dentro da mata, sem incomodar ou interagir com os ribeirinhos. São bons ou são maus? Não há como dizer. São o quê exatamente? São aparições que talvez estejam apenas de passagem, isto é, seguindo seu caminho ou que de alguma forma, esqueceram-se de “acionar” o invólucro que os camufla do mundo dos humanos³¹.

Hoje em dia, os encontros com os seres sobrenaturais não são considerados tão corriqueiros como antigamente. A ilha Saracá mudou muito e se tornou bastante populosa. *“Agora que a gente não vê quase porque tem demais gente, mas de primeiro a gente via [muita visagem]”*, diz Dona Ana. As visagens não gostam de barulho: o som alto e a expansão populacional as expulsaram. Talvez vivam nos locais mais afastados da ilha ou simplesmente perderam o interesse pelos seres humanos.

Essas narrativas continuam a ser compartilhadas pelas pessoas mais velhas, geralmente o avô e a avó, o pai e mãe, o tio, a tia, o primo, o irmão, a irmã, mais velho, mais velha. São contadas antes de dormir, no embalo da rede, no comecinho da manhã, no final da tarde, durante um café na cozinha, no pátio, no porto, na cabeça da ponte, na roda onde as pessoas jogam baralho, descascam camarão ou retiram as sementes de cacau, bem como dentro da mata ou durante as pescarias na boca do rio, no igarapé. Elas também são contadas durante as viagens para a cidade, antes ou após o término das reuniões

³⁰ MAUÉS, Raymundo Heraldo. O perspectivismo indígena é somente indígena? Cosmologia, religião, medicina e populações rurais na Amazônia. *Mediações*, Londrina, v. 17 n.1, p. 33-61, Jan./Jun. 2012, p. 51.

³¹ “Pessoas humanas e não-humanas possuem uma visão integralmente cultural de sua esfera de vida porque compartilham do mesmo tipo de interioridade, mas o mundo que cada uma destas entidades percebe e usa é diferente, pois empregam equipamentos corporais distintos”. Fragmento disponível em: Conforme: DESCOLA, Philippe. Além de natureza e cultura. *Tessituras*, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 7-33, jan./jun. 2015, p. 13.

religiosas ou de tomada de decisões. E é claro, pelo WhatsApp, Facebook ou por uma ligação entre parentes/conhecidos.

Não importa o canal, o que importa é compreender que elas estão vivas. Fazem parte do dia a dia dos ribeirinhos da ilha Saracá. Quem não teve o azar de se esbarrar com um ser encantado/sobrenatural, agradece a Deus pelo livramento e conta, pelo olhar e pelo ouvido do outro, o que se passou com ele ou o que ele ficou sabendo. Me contaram e assim as histórias vão sobrevivendo no mundo desse povo que ama contar histórias.

Entre muitos jovens, estas histórias são submetidas a dúvidas: *“Eu não acredito que [esses seres] existem, acredito que isso são coisas da imaginação. Nunca eu vi, já ouvi somente as histórias”*, nos diz Alandra, moradora do rio Gregório, com 23 anos. Ela faz parte do grupo de pessoas que nunca viu e que talvez nunca veja um ser sobrenatural, mas mesmo não acreditando, não deixa de reproduzir as histórias de interação entre humanos e não-humanos de Saracá.

De maneira unânime, parte dos seres não-humanos, aqui identificados, não são vistos de forma positiva pelos ribeirinhos da ilha Saracá, na medida em que não são considerados indivíduos de carne e osso, ou seja, da realidade física/vivenciada por esta sociedade, mas de uma que, muitas vezes, lhes escapa do entendimento.

Os ribeirinhos acreditam que alguns desses seres são a própria manifestação do diabo ou de algum ser que está sob sua orientação. Outros são considerados alma penada, ou seja, pessoas que, após a morte, necessitam voltar para pagar seus pecados, isto é, sua sina, que, no geral, equivale a vagar pelo mundo dos vivos, seja buscando atrair indivíduos para o mal, bem como apenas se fazendo revelar em determinadas situações sem, contudo, mexer com os indivíduos que os veem ou os sentem. É, portanto, uma dívida que faz com que parte destes seres esteja inserida no cotidiano da ilha, por isso os sonhos e as tentativas de convencimento para que tesouros sejam encontrados.

Por outro lado, há seres que apenas aparecem e assim como se revelam também desaparecem, sem deixar quaisquer explicações. Não se sabe exatamente porque alguns seres aparecem, já que não causam mal algum e/ou pedem alguma coisa. Embora não façam mal algum, provocam medo e muita preocupação naqueles indivíduos que os vêem.

Como já evidenciado, os dados sugerem a existência de um único mundo, constituído por seres humanos e não-humanos. Esse mundo é, portanto, habitado por seres que possuem seus cotidianos entrelaçados. Muitos se vêem e se provocam, arrumando confusão uns com os outros. As aparições,

visuais ou através de outros sentidos, dos seres não-humanos, é um reflexo das vontades e dos seus desejos. Ou seja, os não-humanos aparecem porque têm vontade se de fazerem vistos porque algum ser humano passou dos limites, está incomodando ou simplesmente para provocarem medo entre os humanos, bem como para lhes fazer companhia.

São seres complexos, pois se manifestam de variadas formas e envolvem diferentes sentidos. Eles existem, vivem entre nós, estão no meio de nós.

Artigo recebido para publicação em 28/09/2024 e aprovado em 17/11/2024.